

Contribuição de Xavier Zubiri no processo de formação humana integral

Xavier Zubiri's contribution to the process of integral human formation

*José Aguiar Nobre**

Resumo: O processo de formação humana integral reivindica uma dedicação e perspicácia dos agentes envolvidos nesse sinuoso processo. A presente investigação indaga: Qual a contribuição dos conceitos de Xavier Zubiri para a educação humana integral? A metodologia de pesquisa está circunscrita à pesquisa bibliográfica. No percurso da discussão observamos que há uma ampla contribuição da obra zubiriana para o processo de educação humana integral. Os resultados esperados apontam que os herméticos conceitos zubirianos podem sim contribuir para a formação humana na medida em que houver uma perspicácia e maleabilidade dos envolvidos no processo educacional.

Palavras-chave: Xavier Zubiri; Formação humana integral; Apreensão; Inteligência Senciente; Atualidade.

Abstract: The process of integral human formation demands dedication and insight from the agents involved in this winding process. This investigation asks: What is the contribution of Xavier Zubiri's concepts to integral human education? The research methodology is limited to bibliographical research. During the discussion, we observed that there is a broad contribution from Zubiri's work to the process of integral human education. The expected results point to the fact that Zubiri's hermetic concepts could contribute to human formation if those involved in the educational process are perceptive and malleable.

Keywords: Xavier Zubiri; Integral human formation; Apprehension; Sentient intelligence; Actuality.

Introdução

* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ Brasil). Docente da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP Brasil).

E-mail: nobre.jose@gmail.com

O presente texto tem a pretensão de aproximar dos textos do filósofo espanhol, Xavier Zubiri¹, mediante o viés da formação humana integral². Desse modo, fica claro que quando nos referimos à categoria da formação humana integral, nos referimos àquela em que leva em conta uma perspectiva de totalidade dos valores inerentes ao humano. Isto é, que sejam formados seres humanos realizados, respeitadores de todos, indistintamente. Em outras palavras, a formação humana integral que aqui entendemos circunscreve-se àquela em que o ser humano se sabe inacabado através do tempo, aberto para o novo e sempre em busca da aquisição do conhecimento e da melhoria constante. A partir de uma metodologia de trabalho que tem um olhar interdisciplinar: educacional, teológico e filosófico, procuraremos evidenciar um certo entendimento da sua contribuição no processo educativo. Isso será feito a partir de alguns conceitos cunhados pelo próprio filósofo, como apreensão, inteligência senciente, atualidade e sentir, dentre outros, a fim de que seja possível evidenciar a atualidade e relevância do filósofo em questão para os tempos hodiernos. Recordamos ainda que, de modo intencional, e tendo plena consciência de que são autores de diferentes matrizes teóricas, que refletem a partir de contextos, épocas e realidades absolutamente diferentes, aqui traremos vários pensadores tais como Anísio Teixeira e Pierre Bourdieu.

Entre esta pequena introdução e as considerações finais, o texto está assim subdividido: (i) Noção de inteleção e apreensão na construção do conhecimento; (ii). A inteligência senciente no processo formativo do ser humano.

1 Noção de inteleção e apreensão na construção do conhecimento

Argumentamos que a busca pela formação humana integral reivindica um olhar atento a todas as possibilidades de contribuições advindas dos mais diversos pensadores. Nesse sentido é que a escolha da temática da formação humana integral desenvolvida na presente pesquisa

¹ Xavier Zubiri, filósofo espanhol, nasceu em 04 de dezembro de 1898, em San Sebastian, país basco, e faleceu em 21 de setembro de 1983 em Madri. Fez um itinerário intelectual admirável. Conhecedor da filosofia em geral, como professor de História da Filosofia que foi, lidou diretamente com a filosofia do seu tempo, dialogou com as mais diversas ciências em busca das respostas rigorosamente precisas para as questões que o inquietavam.

² Com a expressão educação humana integral compreendemos aquela que assume “um modo de ajudar a construir sujeitos autônomos e felizes, (...). A integralidade, como princípio, supõe que a ação de educação da fé, do acompanhamento, resultado desse processo educativo, parta sempre do sujeito, ou seja, do jovem e da jovem, e das perguntas que ele e ela fazem para entender o mundo que lhes cabe viver e construir. Portanto, partimos do marco da realidade. A integralidade implica toda a pessoa, não somente as questões relativas a um campo da vida ou do conhecimento” (CELAM, 2013, p. 204).

recorre ao pensamento do filósofo espanhol Xavier Zubiri, a fim de que possamos haurir da sua hermética obra alguma contribuição. Entendemos que é sempre necessário buscar ajudas que possibilitem aos formadores atingirem um nível cada vez mais desejável de maturidade nesse processo de formação humana integral. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cujo objetivo é localizar nos textos do filósofo espanhol uma inspiração que possa facilitar aos leitores uma genuína inteligência humana em face do real. O fio condutor da pesquisa é perpassado pela pergunta: como a obra de Xavier Zubiri pode contribuir no processo de formação humana integral? A nosso juízo, o autor possibilita entender que, o processo de adquirir inteligência é inerente à formação humana integral. Esta torna-se, na presente investigação, um caminho a ser traçado, uma meta a ser perseguida. Entendemos que o processo de inteligência é buscado de forma consciente no ser humano, mediante a aquisição do hábito de leituras. Contudo, as estatísticas e pesquisas³ realizadas no Brasil, têm mostrado que, com o tempo, o hábito de leitura entre os brasileiros, vem caindo. Isso, torna-se uma realidade que precisa ser enfrentada com um processo de tomada de consciência. Se faz mister recorrer às estratégias eficazes no combate à perda de hábitos de leituras, de onde advém parte da apreensão do conhecimento e inteligência. É possível argumentar que a formação humana integral possibilita às pessoas a busca constante do sentido da sua vida, mediante a via da inteligência. É possível notar que a leitura de Zubiri aponta que tanto o inteligir quanto o sentir vão fazendo com que o ser humano vá tomando consciência da sua teleologia, da sua vocação para o crescimento/aperfeiçoamento. Entendemos que o trabalho de base na procura constante da aquisição de uma melhor formação integral se faz necessária em todos os tempos e lugares, a fim de possibilitar a consciência humana do seu papel de autocrítico no dinamismo da história; papel de extrema importância na constituição e construção de um mundo justo, solidário fraterno inteligível.

³ “Jovens leem mais no Brasil, mas hábito de leitura diminui com a idade. (...) se lê menos com o aumento da faixa etária, e é esse um dado desastroso, (...). Crianças e adolescentes concentram as maiores populações de leitores na população. Na faixa de 5 a 10 anos, 67% são leitores. O topo do índice está na faixa de 11 a 13 anos, com 84%, e diminui para 75%, entre os jovens de 14 a 17. A partir dos 18 anos, a taxa de leitores cai continuamente, até ser ultrapassada pela proporção de não leitores na faixa de 40 a 49 anos, em que 52% da população se declara como não leitora. Entre os brasileiros de 70 ou mais, apenas 27% afirmam ler livros”. (...), há um divórcio muito grande entre cultura de massa e cultura erudita. Quanto mais você afastar o cânone e aproveitar o imaginário da criança e do jovem para estabelecer ponte com a cultura erudita melhor. (...) Já que parcela importante dos pais e mães não são leitores, e crianças são alfabetizadas com pouco contato com a leitura, é preciso promover um trabalho de base”. (SOMBINI, 2019).

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2019/09/jovens-leem-mais-no-brasil-mas-habito-de-leitura-diminui-com-a-idade.shtml>. Acesso em: 22 fev. 2020.

Mediante o contato com a obra de Zubiri, é possível argumentar que o ato de intelecção perpassa exatamente pela tomada de consciência de algo que está presente. Ou seja, é pelo se dar conta do ato consciente, que se efetiva parte do processo de aquisição do conhecimento. A esse respeito argumenta o filósofo que: “a intelecção é certamente um dar-se conta, mas é um dar-se conta de algo que já está presente. Na unidade indivisa desses dois momentos é que consiste a intelecção” (ZUBIRI, 2011a, p 5). Vale ressaltar, que o ato de se dar conta e estar presente na consciência não são possíveis de serem identificados separadamente, isto é, eles estão inevitavelmente interconectados. A esse respeito, assevera Zubiri que:

Na intelecção me ‘está’ presente algo do que eu ‘estou’ me dando conta. A unidade indivisa desses dois momentos consiste, pois, no ‘estar’. O ‘estar’ é um caráter ‘físico’ e não apenas intencional da intelecção. (...). A unidade desse ato de ‘estar’ enquanto ato é o que constituiu a *apreensão*. Intelecção não é ato de uma faculdade nem de uma consciência, mas é em si mesma um ato de apreensão. A apreensão não é uma teoria, mas um fato: o fato de que me estou dando conta de algo que me está presente. A apreensão é, quanto ao momento do ‘estar presente’, um ato de captação do presente, uma captação na qual me estou dando conta do que é captado. É um ato em que se apreendeu o que me está presente precisa e formalmente porque me está presente. A apreensão é ato apresentante e consciente. Esse ‘e’ é justamente a própria essência unitária e física da apreensão. Entender algo é apreender intelectivamente esse algo” (ZUBIRI, 2011a, p. 6).

Ressaltamos que nesse processo de entender e de captar o que se entende por apreensão do conhecimento, percebemos a grandeza e a atualidade da literatura de Zubiri para a sinuosa tarefa da formação humana integral. De maneira especial, numa época em que as falsas notícias e compreensões equivocadas da realidade se fazem tão presente, ter esse entendimento do que realmente é entender, fará, indubitavelmente, toda a diferença no processo de constituição e difusão da verdade, da Boa Nova em contraposição às falsas notícias.

Aqui não se busca, apenas no processo de formação humana, meramente um conceito geral de intelecção. E, nesse sentido, argumenta o filósofo basco que: o “que procuramos é a índole constitutiva, isto é, a índole essencial da intelecção em e por si mesma. (...). o que procuramos é a índole ‘física’ da intelecção como tal. Um conceito geral não nos dá a realidade física mesma da intelecção” (ZUBIRI, 2011a, p. 7). Em outras palavras, no processo de apreensão da realidade, não se admite qualquer tipo de “achismo” e ou de opinião rasa, mas sim, uma capacidade de entendimento tal que, será sempre buscada a possibilidade de

transmissão daquela genuína verdade e não daquilo que não se tem certeza. Nos tempos hodiernos, em face de uma notícia, a pessoa com consciência bem formada, sabe que se faz necessário o genuíno distanciamento dos fatos, a fim de se verificar a sua veracidade, antes de simplesmente compartilhar. Assim se espera no proceder de uma pessoa portadora de uma formação integral: aquela que sabe e tem consciência do que é inteligir algo e da sua vocação para o reto agir. A obra do filósofo espanhol é importante pois esclarece que: “para inteligir o que uma coisa entre outras é em realidade, a primeira coisa que se deve fazer é ‘parar para considerar’ a coisa. E parar para considerar é antes de tudo uma espécie de suspensão intelectual, é um *tomar distância da coisa*, mas nela e desde ela mesma” (ZUBIRI, 2011b, p.58).

Por distanciamento, o filósofo espanhol entende que se trata tanto do momento individual quanto do campal que constitui a estrutura do desdobramento. E, quando a coisa é apreendida entre outras, é então dual. E, é nesse processo mediante o qual efetiva-se “a unidade em desdobramento é o que constitui formalmente a distância (ZUBIRI, 2011b, p. 59). Dito de outro modo, o processo de distanciamento não consiste em uma saída do sujeito do conhecimento para fora da realidade, pois isso seria impossível, mas trata-se, na verdade, daquele momento de uma apreensão que Zubiri chama de momento primordial da realidade. Isto é, daquela apreensão em que pode ser diferente se apenas captada individualmente. O filósofo espanhol, ao tratar da importância do distanciamento argumenta que:

Distância é só um momento dentro da coisa mesma. Não saímos da coisa, mas estamos ‘nela’. Não só não saímos da realidade, como não saímos nem da própria coisa real: a distância é um momento intrínseco da coisa, é algo nela mesma. Que é este momento? Neste distanciamento, seus dois momentos não estão correlativamente distanciados. (...), não saímos da coisa real mesma nem do campo de realidade, mas ficamos em seu momento campal para inteligir desde ele o que é em realidade seu momento individual propriamente dito. Vamos então na coisa real desde seu momento campal para seu momento individual, inteligimo-la campalmente. Isto é, percorremos a distância como momento interno da coisa, percorremos a dualidade como unidade em desdobramento (ZUBIRI, 2011b, p. 60).

O autor provoca um esclarecimento acerca do processo de conhecimento ou intelecção, mediante os conceitos de dar-se conta, do real por meio do distanciamento. Nesse interim, ele oferece o conceito de retração. Em outras palavras, ao explicar que para se ter conhecimento

do real, ninguém sai desse real, mas é lançado na realidade, Zubiri possibilita ao ser humano fazer o processo de autocrítica. Nesse sentido, faz-se a suspensão ou distanciamento para se chegar ao conhecimento mais genuíno possível. É como quando algo nos chama a atenção e, apenas ficamos com aquela “coisa” em mente. Deixamos um momento suspenso para depois irmos averiguar e reagir, tirar conclusões, decidir. “Esta suspensão é um movimento próprio: é um esforço que chamo de retração. Retração é intelecção da coisa real deixando em suspenso o que é em realidade. Tomar distância é, pois, definitivamente, ‘movimento de retração’” (ZUBIRI, 2011b, p. 61). Essa retroatividade do que é a coisa mesma em realidade é o que possibilita ao sujeito do conhecimento ser lançado pela coisa à realidade e fazer assim, o processo do despertar para aquilo que realmente pode retirar o ser humano do seu mundo de estagnação. Em outras palavras, ao ser humano despertado para o campo da realidade, a coisa em si, provoca no sujeito uma saída da sua ‘zona de conforto’ a fim de ir atrás da verdade genuína, cuja coisa real lhe provocou. Nesse sentido, a literatura do filósofo espanhol, provoca no ser humano, em processo de formação constante, um verdadeiro amadurecimento para se dar conta do mais apurado sentido da sua vida. E, aponta assim, para a importância de o sujeito fazer sempre o processo de adquirir aquilo que Zubiri chama de inteligência senciente.

2 A inteligência senciente no processo formativo do ser humano

Ao tratar de apreensão da realidade, no processo de maturidade da formação humana, a literatura zubiriana aponta para o processo da apreensão do inteligir e do sentir, que, a seu ver ficou sem ser tratado pela filosofia: “a filosofia não tratou de averiguar o que formalmente é o inteligir. Limitou-se a estudar os diversos atos intelectivos, mas não nos disse o que é inteligir. E o estranho é que o mesmo aconteceu na filosofia do sentir” (ZUBIRI, 2011a, p. 7). Para sanar essa questão argumenta o filósofo que se não se tem definido claramente o que é inteligir e sentir, o seu contrário também fica sem ser entendido. Para sanar tal lacuna, após já ter deixado claro que intelecção é um ato de apreensão, notamos que a obra zubiriana possibilita entendermos que “esse ato de caráter apreensivo pertence também ao sentir. Portanto, é na apreensão mesma enquanto tal que se deve fixar a diferença e a índole essencial do inteligir e do sentir” (ZUBIRI, 2011a p. 8). Em outras palavras, o que queremos dizer mediante a filosofia de Zubiri, é que não pretendemos abarcar o conceito geral de apreensão, mas apontar para a

importância do ser humano se saber possuidor da sua vocação para escolher a sua melhor ação e atuação. Isto é, no processo de aquisição genuína do conhecimento, esse ser humano não almeja esgotar qualquer questão, encerrar nenhuma discussão e ou fechar-se em qualquer conceito, pois se sabe consciente que a realidade sempre escapa algo a ser decifrado e apreendido. Nunca cairemos assim na tentação de uma mentalidade cristalizada. Desse modo, o ser humano saberá melhor analisar, em e por si mesma, a índole e o caráter *práxico* da apreensão sensível e intelectual da realidade no seu entorno. Nesse sentido, exemplifica o filósofo: “eu sinto a cor e inteliço também o que é essa cor. Os dois aspectos se distinguem neste caso, não como tipos, mas como modos diferentes de apreensão” (ZUBIRI, 2011a, p. 8). Este, processo consciente de análise entre sentir, perceber e inteliço é próprio de quem já fez o itinerário de encaminhamento e abertura para a busca constante de maturidade, cuja compreensão de si e da realidade que o cerca já se torna um processo normal. E, por que não dizer, agradável e desejado pelo sujeito do conhecimento. Ao mesmo tempo em que ele se sabe um ser inacabado através do tempo, se entende também alguém que é ontologicamente consciente da sua condição de ser senciente e inteligente.

Nesse sentido, entendemos que é aí que se efetiva a sua tese da inteligência senciente. Desse modo, evidencia-se assim, a sua importância e atualidade no processo de formação da consciência humana que seja crítico-reflexiva mediante o ato intelectual. Argumentamos que para que essa consciência senciente seja educada para captar a realidade mediante o uso adequado da sensibilidade, o ser humano necessita passar pelo processo de superação do “puro sentir animal cuja apreensão sensível também se faz presente. Em outras palavras, no processo de intelecção da realidade, se faz necessário “pôr diante dos olhos a apreensão sensível em e por si mesma, isto é, o que é sentir” (ZUBIRI, 2011a, p. 8). É isso que, a nosso juízo, também pode ser entendida como funciona a sensibilidade e perspicácia humana em face à apreensão da realidade. Em outras palavras, trata-se de um ser humano que alarga o olhar para uma relação do seu sentimento e pensamento na percepção da vida e da sua riqueza sempre misteriosa e, por isso mesmo, inesgotável. Ao atingir este patamar de apreensão da realidade, certamente, ao ser humano já lhe foi possibilitada uma capacidade de formação maleável e genuinamente integral. E, concomitantemente, este ser humano já se sabe em permanente e sinuoso processo de aprendizagem e consciência escatológica.

Para tecer reflexões acerca da inteligência senciente, inevitavelmente se vai perfazendo conscientemente o caminho demorado do processo formativo, para se chegar à condição do ser humano integral. Isso requer a constante apreensão e inteleção do sentido da vida, da sua grandeza e plasticidade. Entendemos que para que se efetive a genuína formação humana que seja integral, percebemos que a literatura zubiriana lança o leitor para um desejo profundo de plena tomada de consciência do que se está fazendo, falando e acontecendo à sua volta. Nessa percepção por si mesma reside uma grandiosa contribuição do autor no processo de constituição do conhecimento humano e conseqüente formação integral.

Os textos do autor em questão provocam o desejo, por exemplo de entender o que é saber. E, para não cair num falso saber, ele recorre ao exemplo da falsa taça de vinho. Quando lhe é mostrado uma taça de vinho, ao tomar o vinho se percebe que não é vinho, mas apenas aparência de vinho, pode ser uma outra bebida com característica semelhante e somos levados a refletir sobre essência e aparência. Argumenta o filósofo espanhol, frente a isso, que se faz necessário suspender o vinho em questão a fim de que este possa revelar o seu aspecto verdadeiro. Nesse sentido, ao decifrar o verdadeiro vinho, pondera o autor que, “o que chamamos as coisas é constituído pelo conjunto de traços fundamentais que as caracterizam. Por isso é possível que *pareçam* uma coisa e *sejam* outra. Essa espécie de ‘fisionomia’ ou ‘aspecto’ é o que o grego chamou de *eidos* literalmente figura” (ZUBIRI, 2010, p. 71). O aspecto do vinho não corresponde com a sua figura, com a sua realidade. Nesse sentido, a obra do filósofo espanhol aponta para a necessidade de uma coragem de fugir de qualquer tipo de aparência a fim de se chegar cada vez mais próximo da figura verdadeira das coisas. Em um mundo eivado pela cultura do simulacro, se torna uma advertência importante no processo sinuoso de formação humana integral. Dito de outro modo, a fim de se chegar à ideia das coisas em si, se faz necessário o honesto distanciamento e exame crítico da realidade para se chegar à ideia e também à realidade mesma das coisas. Esse apelo à ideia é um acontecimento imediato de nossa experiência cotidiana. É verdade que se não apontar para um processo de despertar a inteligência humana, para que essa tenha plena ciência dos conceitos a serem usados na leitura da realidade e da interligação entre sensação e inteleção, a consciência dessa realidade não se efetiva. Desse modo, é possível perceber na literatura zubiriana, ao mesmo tempo em que traz uma profunda rigidez, evidencia também uma seriedade arraigada que vem permeada de uma

certa naturalidade naquilo que é inerente à vida e ao real. De modo claro e direto, preza pela inteligência e apreensão genuína das coisas em oposição às falsas ilusões do existir.

Entendemos que desse processo constante do aprendizado, circunscrito ao campo da formação humana integral possibilita uma interlocução com os fundamentos liberais⁴ do pensamento de Anísio Teixeira. Pois, a partir da realidade brasileira, de onde refletimos, qualquer tentativa de argumentar sobre formação humana integral, ficaria empobrecida se se prescindisse da contribuição anisiana, como palavra autorizada que ele tem no campo formativo do ser humano. Argumentamos que a apreensão da realidade zubiriana possibilita esta maleabilidade para olhar também na direção das contribuições interdisciplinares que são tão necessárias nos tempos hodiernos. É mister recordarmos que sempre é de bom alvitre ter em mente que, ao falar de formação humana integral, isso não se faz numa via de mão única, mas a partir do processo de expansão do olhar, das várias sensações e múltiplas percepções/contribuições. E é desse modo, deste ponto de vista, que, - sem necessidade de aprofundamento neles -, também seria interessante ter em mente alguns conceitos, cunhados pelo sociólogo francês, Pierre Bourdieu, a saber: campo, *hábitus*, capital escolar, violência simbólica, dominação, conhecer, reconhecer, posição, disposição e tomada de posição, senso prático e razão prática. Destacamos que, mediante o uso consciente desses conceitos do educador francês, bem como da contribuição do brasileiro Anísio Teixeira e do espanhol Xavier Zubiri, é que seja mais fácil fomentar e constituir um reforçado e rico processo educativo para a efetivação de uma genuína formação humana integral. Quando falamos de maleabilidade, indubitavelmente, entendemos que aí se esbarra na ceara da inteligência que se espera de um ser humano capaz de crescimento constante.

Vale ressaltar que os retrocessos no que diz respeito ao acesso e à qualidade da educação para todos no Brasil, têm dificultado o processo sinuoso de se atingir a formação humana integral e isso é motivo para voltarmos a nossa atenção hoje para esta dura realidade e

⁴ Vale destacar, que por fundamentos liberais no pensamento de Anísio Teixeira, entende-se a sua luta no sentido de responsabilizar o Estado com a manutenção da educação pública, desobrigando assim os entes privados dos custos educacionais. Segundo ele, “as necessidades educativas de um povo não se resolvem com leis, nem com palavras, mas com a disposição de dar os recursos para a manutenção das obras necessárias e atendê-las” (TEIXEIRA, 2009, p.219). Sem menosprezar a necessidade das leis, mas sabe-se que a falta de disposição para viabilizar os recursos necessários para as obras de educação, fazem com que medidas provisórias sejam aplicadas exatamente como manobra para limitar os recursos destinados ao financiamento da educação para todos. De modo que tudo isso implica na necessidade de garantia de oportunidades iguais como condição de uma sociedade democrática, bem como na possibilidade de descentralização dos recursos federais fortalecendo as administrações públicas municipais, em regime de mútua colaboração.

jamais nos cansarmos de buscar um caminho novo que sempre servirá para alguém. Sabemos que, isso acontece, especialmente nas regiões de menor poder aquisitivo e de difícil acesso à boa educação. As desigualdades são perceptíveis quase que a olho nu e jamais devemos nos acostumar com elas. Entendemos que os tempos hodiernos reivindicam uma retomada dos ideais e das estratégias do pensamento de autores como Zubiri, no seu contexto e Anísio Teixeira no nosso contexto, apenas citando os dois, a fim de que seja possível destinar o devido lugar a que os ideais de formação humana integral sempre mereceram atenção.

A nosso juízo, o revisitar da literatura de Anísio Teixeira, por exemplo, tornar-se-á, certamente, uma fonte de inspiração, para renovadas ações e retomadas de posturas de resistências à guisa daquelas que foram por ele lideradas, pois também viveu em épocas de retiradas de direitos e de horríveis desigualdades. Em face disso, sabemos que a falta de inteligência senciente acerca dessa realidade, poderá agravar a situação por anos a fio. É preciso, pois, que as pessoas saibam [intelijam/apreendam] a real condição em que elas se encontram, a fim de avançarem no processo de busca sempre contínua da formação humana integral com inteligência e sentido. Observamos que a obra zubiriana possibilita um indagar constante para saber das coisas, e, por isso mesmo tem grande relevância hoje. Nesse caso, indagamos: o que é saber? A esse respeito assevera o autor que saber consiste numa “espécie do sentido do ser. Não é, pois, um ato místico ou transcendente: todo comportamento com as coisas traz em si a possibilidade desta ‘experiência’. E só isso é o que propriamente chamamos ‘saber’ o que uma coisa é, saber a que nos atermos, com respeito ao que ela é e não tão somente ao que parece” (ZUBIRI, 2010, p. 73).

O autor recorre desse modo, ao caráter da experiência, a fim de se chegar ao conhecimento do que a coisa é em seu verdadeiro ser. “O homem não está simplesmente diante das coisas, mas move entre elas, decidindo em cada caso o que são. Graças a essa experiência que descrevemos sumariamente, pode emitir um juízo ou sentença acerca delas, confia nas coisas e confia-se a elas” (ZUBIRI, 2010, p. 74). Entendemos que neste caso do campo da experiência senciente, não se trata de fazer memórias, mas recorrendo ao pensamento de Pierre Bourdieu, compreendemos que se trata de reafirmar as tomadas corajosas de posição das minorias, por exemplo. Mediante a posse do capital cultural e intelectual, frente ao poder dominante que, muitas vezes, pela educação que lhe é negada, elas sofrem as consequências e, ao se darem conta da realidade, reagem e conseguem uma melhoria na sua qualidade de vida.

O contrário acontece. Sejam pelo vício inconsciente da falta de hábito de leitura, por exemplo, gerado pela negação do direito de ter acesso aos livros, seja pela negação mesma daquilo que é mais peculiar para a existência digna do ser humano, como alimentação e saúde. Feito o processo de aquisição da inteligência senciente, entendemos, contudo, que, não obstante ao fato da negação da experiência educativa, mas com a posse do capital cultural, mesmo que informal, é que estas minorias -, quando instruídas no processo do inteligir -, fazem com que sejam regenerados e readquiridos o respeito e a dignidade humanas que lhes foram negadas. E assim, aquilo que estaria no campo dos direitos, faz com que uma rica e eficiente formação humana seja devolvida ao sujeito merecedor do conhecimento. Em outras palavras, o uso da violência simbólica que nem sempre é velado, possibilita o domínio sobre o outro. Isso faz com que o campo da marcação de espaços, seja evidenciando na via *práxica*, mediante a não efetivação de um simples ato do dever. Contudo, o ato de intelecção senciente que Zubiri propõe, desmascara qualquer tipo de dominação e jugo. É desse modo que a sua obra parece extremamente revolucionária no processo de educação integral do ser humano e, conseqüentemente no processo de constituição de uma sociedade justa e igualitária.

Considerações finais

Tendo feito este pequeno processo de imersão na obra de Zubiri, com o olhar voltado para a pergunta sobre a possibilidade de contribuição da obra zubiriana no processo de formação humana integral na atualidade, a impressão que temos é de se estar diante de um cabedal a ser utilizado, de um campo a ser explorado. A vastidão, clareza e intensidade com que o autor lida com os conceitos, a sua metodologia clara e coesa para tratar de um tema, revela a sua contribuição para todos os tempos e lugares. Isso é possível notar quando ele mesmo utiliza-se da expressão “estrutura formal do sentir”, por exemplo, denotando a sua metodologia e dedicação em esquadrihar os conceitos, tendo o cuidado de não deixar nada sem ser tratado, inteligido e colocar tudo em seu devido lugar. Assim ele deixa claro a importância mesma da apreensão do real.

Desse modo, não resta dúvida da grande contribuição no processo de formação humana integral que o autor traz. Numa era eivada de falsas notícias que traz conseqüências graves para o tempo presente, transitar com conceitos com inteligência senciente, apreensão, inteligência e

razão, atualidade, realidade, sentir, dentre outros tantos, indubitavelmente, facilitará o processo de formação humana consistente. Só para citar um exemplo, quando ele fala da inteligência senciente e as estruturas humanas, já se pode notar que ele vale da sua teoria para refletir sobre as estruturas humanas e o seu papel social. A esse respeito, notamos o seu esforço numa dedicação sobre a inteligência como apreensão do real e o seu modo primário: a apreensão primária da realidade. Nesse sentido deixa claro que “a impressão é um ato apreensivo. Portanto será. Preciso falar de apreensão impressiva. Sentir é apreender impressivamente. E esta apreensão é o que em virtude disso constitui formalmente o sentir. A impressão tem três momentos essenciais: a afecção do senciente, a apresentação do sentido, isto é, a alteridade (em seu duplo momento de conteúdo e formalidade), e a força com que o sentido se impõe ao senciente” (ZUBIRI, 2011a, p. 205). Por este pequeno trecho, se ver a sagacidade do autor, bem como a sua atualidade e profundidade conceitual ao refletir acerca das estruturas humanas, lidando com conceitos que vão da afecção do senciente perpassando pela alteridade e enfatizado a força mesma dos sentidos e das impressões humanas.

Nesse sentido, ressaltamos a importância da “inteligência enquanto nos instala sencientemente no real. Não se trata, pois, do que comumente se costuma chamar de *intelectualismo*. (...), aqui se trata de inteligência senciente. E o que esta inteligência faz não são conceitos, mas a apreensão do sentido como real” (ZUBIRI, 2011a, p. 207). Neste modo de dizer, ele utiliza o termo *intelectacionismo*, para referir-se à inteligência como apreensão senciente do real, cujo sentimentos e desejos fazem surgir e efetivar-se.

Por fim, para fazermos jus ao importante papel que a obra zubiriana desenvolve no processo de formação humana integral hoje, finalizamos este texto com as próprias palavras do autor, na intenção de que o leitor deste capítulo possa ser despertado para aprofundar a sua leitura diretamente com Xavier Zubiri. Ao falar das estruturas humanas do inteligir, ele argumenta que: “a inteligência determina inexoravelmente o caráter próprio da vida em seu discurso. A vida humana é vida na ‘realidade’; portanto, é algo determinado pela própria inteligência. (...). Seria falso dizer que é a vida o que nos faz pensar. Não é a vida o que nos obriga a pensar, senão que é a inteligência o que nos obriga a viver pensando” (ZUBIRI, 2011a, p. 208) e, viver pensando é uma atitude digna e privilegiada do ser humano, sigamos, portanto, exercendo este privilégio.

Referências

BOURDIEU, P. *Lições da aula*. Aula inaugural proferida no Collège de France. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.

CONSELHO EPISCOPAL LATINOAMERICANO. *Civilização do Amor: projeto e missão*. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2013.

SOMBINI, E. Jovens leem mais no Brasil, mas hábito de leitura diminui com a idade. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo: 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2019/09/jovens-leem-mais-no-brasil-mas-habito-de-leitura-diminui-com-a-idade.shtml>. Acesso em: 22 fev. 2020.

TEIXEIRA, A. *Educação é um direito*. 4. ed. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2009.

ZUBIRI, X. *Natureza, história, Deus*. São Paulo: É Realizações, 2010.

_____. *Inteligência e realidade*. São Paulo: É Realizações, 2011a.

_____. *Inteligência e Logos*. São Paulo: É Realizações, 2011b.